

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

**“COMO FICOU CHATO SER MODERNA, SEREI ETERNA”:  
LYGIA FAGUNDES TELLES, O FEMINISMO E A ACADEMIA  
BRASILEIRA DE LETRAS<sup>1</sup>**

**MICHELE ASMAR FANINI**

*Graduada em Ciências Sociais (2001) pela Universidade de São Paulo (USP-SP), mestre (2004) e doutora (2009) em Sociologia pela mesma instituição. Possui experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia da Cultura.*

*e-mail: [michele.fanini@gmail.com](mailto:michele.fanini@gmail.com)*

**Resumo:** O presente artigo busca iluminar as circunstâncias de ingresso de Lygia Fagundes Telles na Academia Brasileira de Letras sem, contudo, deixar de atentar para uma questão bem menos tópica e que não apenas respaldou, mas se refletiu na avaliação encaminhada pela escritora a respeito da (relativamente) crescente participação feminina em instâncias congêneres, tradicionalmente androcêntricas, a saber, as relações que estabeleceu, ao longo de sua trajetória literária, com o feminismo.

**Palavras-chave:** Lygia Fagundes Telles; Academia Brasileira de Letras; feminismo

**“ONCE BEING MODERN HAS BECOME UNEXCITING, I’LL BE IMMORTAL”:  
LYGIA FAGUNDES TELLES, THE FEMINISM AND THE BRAZILIAN ACADEMY OF  
LETTERS**

**Abstract:** The present article searches to clarify the circumstances of Lygia Fagundes Telles’ entrance into the Brazilian Academy of Letters. It will not, however, ignore the issue – less debated and which not only supported but also reflected in the evaluation which was made by the author – about the (relatively) rising feminine participation in similar associations, traditionally androcentric, that is, the relationship she established during her career with the feminism.

**Keywords:** Lygia Fagundes Telles; Brazilian Academy of Letters; feminism

---

<sup>1</sup> Artigo inspirado em um dos subcapítulos de minha tese de doutorado, intitulada “Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)”, orientada pela Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda e defendida em 2009, no Departamento de Sociologia da USP.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

## Introdução

Na tarde de 20 de julho de 1897 foi fundada a Academia Brasileira de Letras. O escritor Machado de Assis, um mestiço meio gago e pobre, o menino do Morro do Livramento que vendia caramelos num tabuleiro, era agora aquele homem de *pince-nez* e colarinho duro, o primeiro presidente dessa Academia. Casado com a bem-amada Carolina, uma portuguesa, moravam numa espaçosa casa na Rua Cosme Velho. *Fico me perguntando se ela estaria nessa reunião que ele presidiu* (TELLES, 2007: 31, destaques nossos).

Com esta aparentemente ‘despretensiosa indagação’, Lygia Fagundes Telles<sup>2</sup> inaugura o conto *Machado de Assis*, que integra o volume *Conspiração de nuvens*. A provocação da escritora faz ecoar, por traz da dúvida levantada, uma certeza: ainda que tivesse estado presente na cerimônia de abertura da Academia Brasileira de Letras, a participação de Carolina Augusta Xavier de Novaes naquele cenáculo não teria sido outra, senão a de espectadora. A percepção da escritora revela sua profunda sensibilidade em relação à ausência feminina (ou presença apenas ornamental) nas agremiações literárias que, durante muito tempo, encontrou sustentação em um repertório de discursos com teor positivista e determinista que postulava a inferioridade das capacidades intelectuais das mulheres em relação às dos homens (SIMIONI, 2008). Tais arbitrariedades tiveram como consequência não apenas a tardia alfabetização feminina, mas sua difícil profissionalização e reconhecimento literários. A esse respeito, a própria Lygia Fagundes Telles ressalta que

a mulher brasileira aprendeu a ler e a escrever muito tarde e mesmo depois disso continuou aprisionada, vigiada. Minhas antepassadas escreviam versos nos

---

<sup>2</sup> A respeito da biografia de Lygia Fagundes Telles consultar os *Cadernos de Literatura Brasileira: Lygia Fagundes Telles*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 1998, especialmente as sessões “Memória seletiva – Inventário dos rastros”, “Confluências” e “Geografia Pessoal”. Ver também COELHO, 2002: 386-389.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

cadernos de receitas, de compras do dia: dois quilos de cebola, duas caixas de sabão e vinha um verso, um sonho, um devaneio. A mulher brasileira seguia a tradição portuguesa, quer dizer, completamente dentro do espartilho (1998: 39).

Lygia Fagundes Telles foi a terceira escritora a integrar a Academia Brasileira de Letras<sup>3</sup>, e seu ingresso não veio desacompanhado de uma profunda consciência, revelada pela escritora, acerca do significado histórico da presença feminina em agremiações do gênero, para uma sociedade com pronunciado lastro “androcêntrico”.<sup>4</sup> Aliás, a rigidez do “espartilho”, que tolheu por tantos séculos as investidas profissionais femininas, foi sentida pela escritora em sua própria trajetória pessoal, que a ela reagiu de maneira audaciosa, tal como atestam suas escolhas acadêmicas e profissionais: Lygia Fagundes concluiu dois cursos superiores considerados, à época, ‘tipicamente masculinos’, quais sejam, a faculdade de Educação Física, em 1943, cursada na Escola Superior de Educação Física de São Paulo, e o bacharelado em Direito, em 1946, realizado na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Para se ter uma idéia da desproporção entre homens e mulheres no curso de Direito, Lygia Fagundes é quem nos oferece seu próprio testemunho: “Quando eu entrei na universidade, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, éramos seis ou setes mocinhas e quatrocentos rapazes”.<sup>5</sup>

Ao ser interpelada sobre a escolha por cursos completamente distintos, a escritora afirmou ter apostado em uma estratégia intencional, pois, com isso, ampliaria seu leque de possibilidades e, por conseguinte, as chances de atuação profissional. O intuito de Lygia

---

<sup>3</sup> As subsequentes menções à Academia Brasileira de Letras aparecerão sob a forma abreviada de ABL.

<sup>4</sup> Considerando-se a ordem cronológica de eleição (e não de empossamento), a ABL assiste ao ingresso de Rachel de Queiroz, em 4 de agosto de 1977; de Dinah Silveira de Queiroz, em 10 de junho de 1980; de Lygia Fagundes Telles, em 24 de outubro de 1985; de Nélida Piñon, em 27 de julho de 1989; de Zélia Gattai, em 7 de dezembro de 2001; de Ana Maria Machado, em 24 de abril de 2003 e, mais recentemente, de Cleonice Berardinelli, em 16 de dezembro de 2009.

<sup>5</sup> Entrevista que nos foi concedida por Lygia Fagundes Telles, em outubro de 2008.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

Fagundes era, mais do que se profissionalizar, conquistar a estabilidade financeira por meio de seus próprios esforços, e não via matrimônio.

Se não conseguisse me estabelecer numa profissão, teria a outra. Foi um cálculo futuro. (...) Pensando hoje nisso, eu acho uma coisa interessante da minha parte: uma jovencinha naquela época preocupada em se manter sozinha e não em assegurar economicamente à custa de um casamento, por exemplo (TELLES, 1998: 40).

Como estudante de Direito, a escritora passou a frequentar as rodas literárias da Faculdade, que ocorriam no Restaurante Itamarati, na Leiteria Campo Belo, na Cafeteria Vienense, no Café Seleta e na Livraria Jaraguá, esta última apresentando como grandes atrativos um salão de chá e uma galeria de arte. Estes locais costumavam receber importantes nomes da literatura e crítica literária, dentre os quais Mário e Oswald de Andrade, bem como jovens intelectuais, como era o caso do crítico de cinema e ensaísta Paulo Emílio Salles Gomes (1916-1977), integrante da revista *Clima*, que Lygia Fagundes conheceu em 1940, em virtude de uma palestra por ele ministrada na Faculdade de Filosofia, e com quem se casaria duas décadas depois (1998: 10-11).<sup>6</sup>

Também foi nesta época que a escritora integrou a Academia de Letras da Faculdade do Largo de São Francisco, tornando-se colaboradora dos jornais acadêmicos *Arcádia* e *A Balança*. Muito embora a efervescência cultural dessa fase a tenha inspirado e, por suposto, tornado mais pronunciado seu gosto pelas letras – basta lembrar que, em 1944, a escritora publicou a coletânea de contos *Praia Viva*, pela Editora Martins –, sua estréia como escritora ocorreu em 1938, sendo, portanto, anterior ao seu ingresso no referido curso

---

<sup>6</sup> No conto “Paulo Emílio”, Lygia Fagundes Telles ilumina passagens da trajetória profissional do crítico de cinema, bem como as influências que recebeu da escritora, que teriam lhe despertado o interesse pela carreira literária, culminando na publicação, em 1976, da elogiada obra *Três mulheres de três Pppês*, quando contava sessenta anos de idade. Ver: TELLES, 2007: 51-57. Ver também PONTES, 1998: 52-54.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

e ao contato com as acaloradas rodas literárias. O livro em questão, também uma coletânea de contos, intitula-se *Porão e sobrado*, cuja publicação fora custeada por seu pai.

O ano em que Lygia Fagundes Telles concluiu a graduação em Direito, 1946, corresponde exatamente ao rescaldo da Segunda Guerra Mundial, acontecimento este que marcou profundamente sua geração e, particularmente, sua maneira de enxergar o mundo e de perceber as mudanças sociais. Durante entrevista que nos foi concedida, a escritora definiu o referido episódio histórico como um deflagrador do aumento significativo da participação de mulheres em profissões até então consideradas masculinas, transformações estas que se fizeram sentir, gradualmente, naqueles ambientes a elas até então refratários:

Na Segunda Guerra Mundial, que é a minha geração (eu me formei em 1946), os homens foram para a Guerra, e as mulheres, então, começaram a entrar nas fábricas, nos escritórios e nas universidades. O homem faltando nas fábricas, nos escritórios e nas universidades, a mulher foi ocupando o lugar dele, e ocupando muito bem. Começou aí.

As mudanças a que Lygia Fagundes se refere culminaram, portanto, em um inevitável rearranjo profissional, atrelado à necessidade de preenchimento daqueles espaços *involuntariamente* deixados vazios pelos homens convocados para o *front*.<sup>7</sup> E é exatamente nesta chave, tal como mostraremos nas próximas seções do artigo, que a escritora avalia seu vínculo com o feminismo, bem como, e corolariamente, compreende a presença feminina na ABL, i.e., como sintomática de uma modificação estrutural que, aos poucos, fez com que suas portas se (entre)abrissem à “gente do outro sexo” (MENDONÇA, 1897).

### **Lygia Fagundes Telles e o feminismo**

---

<sup>7</sup> Para uma abordagem contrapontística, cf. BESSE, 1999: 148-167.



LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

O texto *A mulher escritora e o feminismo no Brasil*<sup>8</sup>, publicado em 1997, revela-se um importante ponto de partida para a discussão que pretendemos aqui encaminhar, já que nele, Lygia Fagundes não apenas discorre sobre sua relação com o feminismo, como pontua certas ressalvas quanto à sua vinculação ao movimento:

No começo da minha carreira, eu era uma feminista inconsciente; eu nem pensava em feminismo e eu era feminista, no sentido de batalhar as minhas ideias e a minha vocação. Muito mais tarde vi que a libertação das mulheres significa ser paga por seu trabalho. Minha libertação deveu-se às extraordinárias transformações sociais que o país viveu desde a minha adolescência. Durante a Segunda Grande Guerra, quando os homens válidos partiram para as trincheiras e as mulheres na retaguarda começaram a exercer nas fábricas, nos escritórios e nas universidades, o ofício desses homens... Eis então as mulheres ocupando esses espaços, eis as mulheres provando que também podiam desempenhar funções até o momento notadamente masculinas... Quer dizer que a “rainha do lar” podia desempenhar – e bem – funções mais sofisticadas? Contudo, persistia a desconfiança fechando na sua nuvem o chamado segundo sexo. Isso também no campo das artes, o preconceito.

(...)

Eu me coloco contra essa idiotice que o feminismo tem de exigir que a mulher faça alguma coisa intelectualmente. Não é assim. Há vocações erradas, um grande número de mulheres escrevendo sem vocação porque passa a ficar na moda escrever, enquanto elas poderiam fazer tão bem outras coisas (TELLES, 1997: 60-61).

Ao olhar em retrospecto, especialmente para o início de sua carreira literária, Lygia Fagundes Telles faz menção à ‘vinculação espontânea’ que estabeleceu com o feminismo, tal como ilustra o período acima. Trata-se, pois, de uma ‘adesão inconsciente’, em nada

---

<sup>8</sup> Texto organizado por Peggy Sharpe (1997), a partir de entrevistas concedidas por Lygia Fagundes Telles.



LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

trivial, posto que acompanhada por um processo de ressignificação do próprio vocábulo ‘feminismo’, que passa a ser empregado pela escritora em um sentido completamente particular, a saber, para nomear as condições de realização de determinada vocação.<sup>9</sup>

Nestes termos, o que parecia estar em jogo para Lygia Fagundes Telles, quando de sua estreia no mundo das letras, transcendia preocupações exclusivamente ‘taxonômicas’: não se tratava apenas de uma questão de ‘filiação’, de posicionar-se em um dos lados – ‘ser ou não feminista’ –, mas de ‘batalhar por suas próprias ideias, por sua vocação’. Daí a escritora haver emprestado ao termo uma nova acepção, que viria a traduzir as possibilidades de as mulheres mobilizarem meios favoráveis, a partir dos quais a ‘vocação’ ou, como costuma dizer, o ‘chamado’, pudesse ser realizado a contento.

Já com a maturidade, a ideia de vocação parece-lhe insuficiente para explicar a realização feminina, e a interpretação mais idealista cede lugar a uma postura mais, por assim dizer, realista, sustentada por um posicionamento segundo o qual “a libertação das mulheres significa ser paga por seu trabalho”. Com esta afirmação, Lygia Fagundes não apenas atrela à emancipação feminina a independência financeira, mas o faz a partir de sua própria experiência, como egressa de duas faculdades que lhe asseguraram formações marcadamente distintas e cujas escolhas, aparentemente conflitantes, não correspondiam, a rigor, apenas a um ímpeto de realização vocacional, mas, como mencionamos, à estratégia de ampliar seu leque de possibilidades profissionais, mais propriamente, as chances de conquistar sua ‘libertação’, nos termos por ela empregados.

No mais, as críticas que a escritora tece ao feminismo buscam tornar evidente que este muitas vezes peca, colocando-se como uma forma sofisticada de grilhão, de camisa-de-força teórica, especialmente ao arbitrar sobre a atuação feminina, como se “fazer alguma

---

<sup>9</sup> Segundo Lygia Fagundes Telles, “a vocação não significa (ou melhor), não exige sucesso, ah!, um alívio quando descobri isso, não está incluída a ideia da glória e sim esta simples e profunda vontade de cumprir o chamado mesmo sem a esperança do prêmio. Se ele vier, melhor, é claro, mas sem o cálculo de futuro, e isso me parece importante. Não gosto de definições, há sempre um risco em definir (...)” (TELLES, 1999: 111).



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

coisa intelectualmente” fosse a única vocação aceitável (ou mesmo desejável), o único caminho possível de reação aos longos anos em que a mulher esteve em condições aviltantes e de subalternidade. Corolariamente, diz Lygia Fagundes, encontramos-nos em um ‘beco sem saída’, campo fértil para a proliferação de ‘vocações erradas’.

Além disso, a aproximação de Lygia Fagundes Telles com o ‘universo feminista’ também se fez sentir de outra forma, marcadamente sutil: por meio de seu contato com a escritora Simone de Beauvoir. O primeiro encontro entre ambas ocorreu em 1960, em virtude de um almoço oferecido pelo editor Barros Martins ao casal francês (Beauvoir e Sartre), para o qual a escritora brasileira também havia sido convidada. Este episódio, que foi o ponto de partida para outros fecundos encontros entre as escritoras, marcou profundamente a vida de Lygia Fagundes Telles, que o relembra com riqueza de detalhes no artigo *Meu encontro com a escritora*, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 8 de janeiro de 1978. A escritora rememora com saudade a “inesgotável curiosidade” revelada por Simone de Beauvoir durante suas longas conversas, ao perquirir sobre questões as mais gerais, relacionadas à condição da mulher no Brasil, e também sobre as reverberações e interferências da “mentalidade brasileira no processo da minha profissão de escritora”:

Respondi-lhe que, no início, a interferência foi negativa: a imensa carga de convenções cristalizadas na época, me abafara demais, como abafara os jovens de minha geração, éramos tímidas: ousar o quê diante do inexistente mercado de trabalho para a mulher? A libertação modestíssima só foi facilitada durante as extraordinárias alterações pelas quais passou o país desde a minha adolescência (quando comecei a escrever), até a arrancada principal, coincidindo com a estimulante ebulição notadamente a partir do suicídio de Vargas [em 1954]”: estava então eu saindo da Faculdade de Direito onde participara de passeatas de lenço amarrado na boca. Vivo ainda o som das patas de cavalo. E o borbulho no peito do jovem ferido de morte. Se me libertei mais do que o próprio país, foi simplesmente porque a libertação individual era mais fácil.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

Dito de outra forma, Lygia Fagundes Telles compreende o ‘feminismo’ de uma maneira bastante particular, tomando-o como sinônimo de “finalidade, [de] objetivo. Acho que feminismo é exatamente o trabalho que a mulher deve realizar. Sua presença deve se fazer sentir em todos os ramos de atividades, detestando todo tipo de preconceito” (1997: 63). Por meio desta apreensão, mais propriamente, de sua redefinição, a escritora sublinha a importância da participação feminina no espaço público, referindo-se implicitamente à equidade de gênero, em termos de atuação profissional e realização pessoal.

**“Como ficou chato ser moderna, serei eterna”: o ingresso de Lygia Fagundes Telles na ABL**

Sempre me perguntam muito isto: - Por que você entrou para uma Academia de Letras? - Como diria Machado de Assis, ele disse isso mesmo: - Entrar para uma Academia de Letras não significa escrever nem melhor, nem pior. O acadêmico não vai escrever nem melhor, nem pior, ele vai, isto sim, conviver com aqueles que têm um ofício que é o ofício da paixão, que é a felicidade de exercer o ofício da paixão (TELLES, 2000).<sup>10</sup>

Durante participação em evento promovido pela ABL, em que eram discutidas as especificidades do ‘conto’ como gênero literário, Lygia Fagundes tornou clara a motivação que a conduziu a candidatar-se a uma Cadeira na entidade: a possibilidade de convívio com aqueles que exerciam o mesmo ofício e, mais do que isso, partilhavam da mesma paixão: escrever. Aliás, em sua fala, tal como evidencia o período acima, paixão e escrita são tratados como sinônimos. Contudo, muito antes de Lygia Fagundes pensar em, de fato,



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

concorrer a uma vaga, Paulo Emílio Salles Gomes chegou a incentivar sua candidatura, mas sob uma alegação no mínimo sugestiva. Enfatizando o ar ‘paternalista’ da agremiação, o crítico de cinema buscava alertá-la para o fato de que “a Academia protege, sobretudo a uma mulher”.<sup>11</sup>

A despeito do apoio e incentivo de Paulo Emílio, e contando com duas de suas publicações premiadas pela ABL – a primeira delas, o livro de contos *O cacto vermelho*, que lhe rendeu o prêmio Afonso Arinos, em 1949 e, a segunda, o romance *As meninas*, que lhe assegurou o prêmio Coelho Neto, em 1973 –, Lygia Fagundes Telles apenas torna pública a sua candidatura em julho de 1985. Tal como nos informou a própria escritora, a indicação de seu nome para figurar entre os imortais partiu de alguns amigos acadêmicos, nomeadamente Cyro dos Anjos, Arnaldo Niskier, Rachel de Queiroz e Eduardo Portella, sendo possível dizer que a força destes ‘cabos eleitorais’, aliada ao fato de que Lygia Fagundes Telles já fruía, há mais de duas décadas, os efeitos de consagração oriundos de sua atuação no campo literário brasileiro, anunciaram, antecipadamente, a vitória folgada que a escritora viria a experimentar, concretizada em 24 de outubro de 1985.<sup>12</sup> Aliás, sua eleição era dada como certa pelos acadêmicos, assemelhando-se ao que havia se passado com Rachel de Queiroz em 1977, ano em que a escritora sertaneja inaugura a presença feminina na ABL.

Mais especificamente, Lygia Fagundes desbancou seus quatro adversários, quais sejam Vivaldi Moreira, Presidente da Academia Mineira de Letras; Antônio Emílio Vieira Barroso, médico e coronel do Exército; Diógenes Magalhães, escritor e professor, e Márcia

<sup>10</sup> Fragmento extraído do discurso proferido por Lygia Fagundes Telles, em 2000, durante evento promovido pela ABL, voltado para a discussão do gênero literário com o qual a escritora mantém inegável afinidade: o “conto”. A íntegra encontra-se disponível no site oficial da agremiação: [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br)

<sup>11</sup> Informação concedida por Nélida Piñon concedida à autora, em agosto de 2008.

<sup>12</sup> Nomes mencionados durante entrevista concedida à pesquisadora, em 02 de outubro de 2008. Lygia Fagundes conheceu Cyro dos Anjos por intermédio de Carlos Drummond de Andrade, com quem possuía um



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

Moura, ex-vogal da Justiça Trabalhista, em pleito decidido facilmente, em primeiro escrutínio (muitos acadêmicos apostavam, aliás, que a escritora seria eleita por unanimidade).

Mesmo que a previsão dos acadêmicos não se tenha confirmado totalmente, Lygia Fagundes angariou 32 dos 39 votos, sendo que os 7 restantes foram todos destinados a Vivaldi Moreira. O resultado foi anunciado por Rachel de Queiroz, a primeira acadêmica a deixar a sala de votação, que imediatamente telefonou para a escritora recém-eleita para lhe dar as ‘boas novas’, ao que respondeu Lygia (*imagem 1*): “\_\_ Rachel, que coisa linda! Estou tão feliz! Quantos votos? Trinta e dois? Ah, quase a idade de Cristo!”<sup>13</sup>



*Imagem 1* – Momento em que Lygia recebeu, de Rachel de Queiroz, a notícia de sua vitória. *O Estado de São Paulo*, 25-08-1985. Coleção Lygia Fagundes Telles. Arquivo ABL.

---

grande laço de amizade desde a década de 1940. Cyro dos Anjos integrou a ABL entre os anos de 1969 e 1994, na vaga deixada por Manuel Bandeira.

<sup>13</sup> *Jornal do Brasil*, 25 de outubro de 1985. Fonte: Coleção Lygia Fagundes Telles. Arquivo ABL.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)  
[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

Quarta ocupante da Cadeira 16<sup>14</sup>, a escritora assume, ironicamente, a vaga deixada por Pedro Calmon, acadêmico avesso à presença de mulheres na agremiação (ainda que tenha declarado haver votado em Dinah Silveira de Queiroz).



*Imagem 2 – Posse de Lygia Fagundes Telles, 12-05-1987. Fonte: Academia Brasileira de Letras 100 anos: 1897-1997, 1997, p. 111.*

Em consonância com as formalidades que a sessão de posse requer, o discurso da escritora rendeu a seus antecessores uma homenagem arquitetada por meio da reconstrução da memória da Cadeira que passou a ocupar.<sup>15</sup> Dignos de nota, os momentos finais da preleção puseram em tela uma questão há muito esperada, e até então negligenciada pelas

<sup>14</sup> Tendo como Patrono Gregório de Matos, a Cadeira 16 é composta pelos seguintes acadêmicos: Araripe Júnior, membro fundador; Félix Pacheco; Pedro Calmon e Lygia Fagundes Telles.

<sup>15</sup> Realizada em 12 de maio de 1987, a cerimônia de posse foi suntuosa, pois, pela primeira vez, a Academia contou com um sistema de telões que permitia aos quase mil convidados pudessem acompanhar a oficialização do ingresso de Lygia Fagundes Telles e seu discurso de posse. Após o ritual na ABL, um grande coquetel foi oferecido, no Hotel Debret (Copacabana), pela Editora Nova Fronteira, aos amigos da mais nova acadêmica. *O Globo*, 9 de maio de 1987; *Jornal da Tarde* (SP), 25 de outubro de 1985; *O Estado de S. Paulo*, 25 de outubro de 1985. Fonte: Coleção Lygia Fagundes Telles. Arquivo ABL.



LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

acadêmicas precedentes em suas falas inaugurais: pela primeira vez foi feita alguma menção à elegibilidade feminina:

Antes de a Academia Francesa de Letras, que foi nosso modelo, receber Marquerite Yourcenar, esta Academia Brasileira de Letras teve o *beau geste* de abrir suas portas para Rachel de Queiroz. Em seguida, para Dinah.

“Não quero um trono - diria também Rachel de Queiroz - Quero apenas esta Cadeira”.

A mesma paixão que nos une: a paixão da palavra. A mesma luta tecida na solidão e na solidariedade para cumprir o duro ofício nesta sociedade violenta, de pura autodestruição. E neste tempo que está mais para Gregório de Matos do que para Pedro Calmon- ah! quanta matéria para a inspiração do trovador com sua viola demolidora.

Lygia Fagundes Telles não apenas ressaltou a posição ‘vanguardista’ da ABL, se comparada à Academia Francesa de Letras, como, sabiamente, estabeleceu uma relação sugestiva com o tema, por meio da qual buscou traduzir o ‘espírito’ dos novos tempos, que, segundo ela, pendia mais para Gregório de Matos do que para Pedro Calmon. Com isso, a escritora não apenas rompeu com um ciclo de silêncio em torno da questão da (in)elegibilidade feminina, como tornou evidente a importância histórica que atribuía à presença feminina na ABL, posicionamento este reiterado em entrevista que nos foi concedida:

A Academia Brasileira de Letras foi fundada por Machado de Assis com outros companheiros da época, no século XIX, e foi uma cópia, os mesmos Estatutos da Academia Francesa de Letras. O mesmo molde da brasileira foi copiado da francesa. Agora, o interessante é o seguinte, que Marguerite Yourcenar, em 1980, foi eleita para a Academia Francesa de Letras e, três anos



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

antes, e isso é muito bonito, Rachel de Queiroz entrou na Academia Brasileira de Letras. Isso quer dizer que a Academia Brasileira aceitou a presença da mulher antes ainda da Academia Francesa aceitar Marguerite Yourcenar, logicamente, você já sabe, Rachel de Queiroz, que entrou e eu fiquei muito satisfeita com isso.

Apesar de estarmos no Terceiro Mundo, a revolução da mulher, que é uma revolução importante, a mais importante revolução do século XX, no Brasil funcionou muito.<sup>16</sup>

Mais propriamente, o posicionamento crítico de Lygia Fagundes Telles, no concernente à postura androcêntrica da ABL, pareceu fortalecer-se, ao deslindar com sutileza aquilo que, sub-repticiamente, a agremiação construiu como seu alicerce, como um discurso inquestionável, ancorado na tradição que emanava de seus membros fundadores. Para ratificar especialmente sua crítica ao legado misógino que, por exemplo, a “Casa de Machado de Assis” recendia, a escritora rebateu, ao longo de sua trajetória literária, a possibilidade de existência de uma “escrita feminina”, mas não sem consentir que as injunções sociais confirmam à mulher uma ‘leitura’ diferente da realidade em que está inserida:

O que existe são mulheres e homens que escrevem bem e mulheres e homens que escrevem mal. A única distinção que faço é em relação à qualidade dos textos. Mas é claro que mulheres e homens têm vivências diferentes e isso de algum modo vai aparecer na literatura. *Ciranda de pedra* é um romance que não poderia ter sido escrito por um homem. Se fosse, seria diferente, compreende? O que entrou ali foi o meu conhecimento da condição da mulher pertencente a uma sociedade como a nossa, que até bem pouco tempo não tinha qualquer consideração por ela. No meu livro *Invenção e memória*, há uma cena que aconteceu de verdade com meus antepassados. O homem, quando ia trabalhar,

---

<sup>16</sup> Entrevista concedida à pesquisadora em 2 de novembro de 2008.



LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

prendia as tranças da mulher dentro de uma arca, dava um nó, fechava a tampa e levava a chave. A mulher ficava ali até que ele voltasse. Tinha comida, uma fruta, um bordado para fazer. Mas estava presa (...) Esse desprezo pela mulher, mesmo por aquela que sabia escrever, sempre foi muito grande (TELLES, 1998: 38).

Assim, o balanço que Lygia Fagundes Telles oferece acerca do ingresso de mulheres na ABL está em conformidade com sua visão a respeito dos “produtores de bens simbólicos”: não há qualquer vinculação entre qualidade textual e sexo; a autoria de uma obra não pode ser compreendida ou classificada a partir de categorias fundamentadas nas relações de gênero. E isto não quer dizer que a escritora não identifique na literatura feminina certa idiossincrasia, como dito, relacionada não à qualidade, mas às heranças históricas que lançaram a sociedade com características misóginas, tornando as experiências femininas distintas das dos homens (TELLES, 1997: 57-58; *Idem*, 1998: 38). Mais propriamente, Lygia Fagundes considera ser inexistente e preconceituosa a “proposada divisão de águas no sentido de separar a literatura feminina da masculina”:

A única divisão que faço é no tocante à qualidade. O sexo é como o sexo dos anjos, não interessa. Puro preconceito. Ah! Os preconceitos... no começo da minha profissão eu sentia bastante agudo esse preconceito, como um espinho. Tanta desconfiança, tanta ironia... Curioso é que as mulheres, principalmente as mulheres, me agrediram com seu descrédito. Com sua pouca fé. Compreensível, afinal elas não ousavam ainda, encasuladas, tementes. Quando viam uma companheira de sexo romper a tradição... se irritavam com o desafio: o preso que vê o outro fugir enquanto ele continua engaiolado precisa de muita generosidade para desejar as melhores coisas ao fugitivo (TELLES, 1998)

Aliás, a postura da ABL, especialmente durante seus primeiros anos de existência, muito mais latente do que abertamente admitida e pronunciada, ancorou-se neste tipo de



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

pretexto para justificar a ausência feminina entre seus membros: a explicação velada estaria, por suposto, na falta de ‘mérito literário’ das produções assinadas por mulheres, apreendida como traço inerente à fatura feminina.

Por fim, é possível afirmar que, muito embora as linhas de força que operam em cada pleito evidenciem que a vitória na luta concorrencial por uma Cadeira na ABL subentenda uma bem-arquitetada política de indicações, afigurando-se como um dos passaportes indispensáveis para a sagração imortal, o ingresso de Lygia Fagundes representa, sem dúvida, o coroamento de uma carreira literária já há muito consolidada.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade. Reestruturação da ideologia de gênero no Brasil – 1914-1940*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- PONTES, Heloisa. *Destinos Mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Profissão artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2008.
- TELLES, Lygia Fagundes. “Discurso de posse”. In: *Discursos Acadêmicos (1985-1990)*, vol. XXV. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1982. Também disponível em: <http://www.academia.org.br>.
- \_\_\_\_\_. “A mulher escritora e o feminismo no Brasil”. In: SHARPE, Peggy (org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis: Editora Mulheres; Goiânia: Editora da EFG, 1997.
- \_\_\_\_\_. “A disciplina do amor”. In: *Cadernos de Literatura Brasileira: Lygia Fagundes Telles*. São Paulo. Instituto Moreira Salles, 1998.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)  
[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

- 
- \_\_\_\_\_. “As personagens femininas”. In: NISKIER, Ruth (org.). *A mulher na sociedade contemporânea: Ciclo de Palestras do Comitê Cultural Feminino da ABL*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Invenção e memória*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Conspiração de nuvens*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

## ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

### Biblioteca Lúcio de Mendonça

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Academia Brasileira de Letras: 100 anos – 1897-1997*, 1997.

MENDONÇA, Lúcio de. “As três Júlias”. *Jornal Republica*, Rio de Janeiro, 6 mar. 1897.

### Arquivo ABL

#### Coleção Lygia Fagundes Telles.

*Jornal da Tarde* (SP), 25 out. 1985.

*Jornal do Brasil*, 25 out. 1985.

*O Estado de S. Paulo*, em 8 de janeiro de 1978.

*O Estado de S. Paulo*, 25 out. 1985.

*O Globo*, 9 mai. 1987.

### SITES CONSULTADOS

Academia Brasileira de Letras: <http://www.academia.org.br>

Académie Française: <http://www.academie-francaise.fr>

### ENTREVISTAS REALIZADAS

PIÑON, Néida. [Entrevista]. [ago. 2008]. Entrevistadora: Michele Asmar Fanini. Rio de Janeiro, 2008.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

TELLES, Lygia Fagundes. [Entrevista]. [out. 2008]. Entrevistadora: Michele Asmar Fanini.  
Rio de Janeiro, 2008.

Recebido: 01/06/2010

Aceito: 30/06/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)